

O TOCOÍSMO E OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO E A QUESTÃO DA COOPERAÇÃO COLONIAL (1960-1975)

 10.5935/2177-6644.20230022

TOCOISM AND LIBERATION MOVEMENTS AND
THE ISSUE OF COLONIAL COOPERATION
(1960-1975)

EL TOCOÍSMO Y LOS MOVIMIENTOS DE
LIBERACIÓN Y LA CUESTIÓN DE LA
COOPERACIÓN COLONIAL (1960-1975)

Fernando Hélder Panzo Macaia *

 <https://orcid.org/0000-0001-7026-9548>

Resumo: Este é um estudo histórico sobre o nacionalismo religioso africano centrado em Simão Toco e no Tocoísmo. O objetivo é compreender os motivos que levaram a marginalização do estudo do Nacionalismo Religioso Angolano pelos primeiros investigadores que se dedicaram a este aspecto. Reconstituição feita com base nos fundos documentais coloniais e através do acesso às primeiras publicações. Identificamos que o baluarte da expressão da luta contra as autoridades coloniais portuguesas esteve primeiro no Kongo.

Palavras-Chave: Igrejas Sincréticas. Nacionalismo Religioso Angolano. Simão Toco. Tocoísmo.

Abstract: This is a historical study on African religious nationalism centered on Simon Toco and Tocoism. The objective is to understand the reasons that led to the marginalization of the study of Angolan Religious Nationalism by the first researchers who devoted themselves to this aspect. Reconstitution made on the basis of colonial documentary funds and through access to the first publications. We identified that the bulwark of the expression of the fight against the Portuguese colonial authorities, was first in Kongo.

Key-words: Syncretic Churches. Angolan Religious Nationalism. Simon Toco. Tocoism.

Resumen: Este es un estudio histórico sobre el nacionalismo religioso africano centrado en Simon Toco y el tocoísmo. El objetivo es comprender las razones que llevaron a la marginación del estudio del nacionalismo religioso angolano por parte de los primeros investigadores que se dedicaron a este aspecto. Reconstitución realizada sobre la base de fondos documentales coloniales y mediante el acceso a las primeras publicaciones. Identificamos que el baluarte de la expresión de la lucha contra las autoridades coloniales portuguesas, fue primero en Kongo.

Palabras-clave: Iglesias sincréticas. Nacionalismo Religioso Angoleño. Simón Toco. Tocoísmo.

* Doutor em História Contemporânea pela Universidade de Évora – Portugal (UE-PT). Professor Auxiliar no Centro de Investigação em Ciências Sociais do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge (ISCED). E-mail: heldermacaiaosanto@hotmail.com.

Introdução

Um dos tópicos mais obscuros na historiografia de Simão Toco e do Tocoísmo é a sua relação com o nacionalismo político, em particular com o nacionalismo revolucionário. O objetivo desta análise pretende compreender os motivos que levaram a marginalização do estudo do Nacionalismo Religioso Angolano pelos primeiros investigadores que se dedicaram a este aspecto.

Neste estudo merecem destaque o Tocoísmo, o Nacionalismo Angolano e as relações que vieram a estabelecer-se com os Movimentos de Libertação de Angola e Administração Colonial (1960-1975). Foram interpretados os acontecimentos de Março de 1961, a participação de Simão Toco na resolução da crise que havia-se instalado naquela região e terminou-se a abordagem no ano de 1974, data que marca o fim da experiência intra-imperial de Simão Toco.

Sobre a questão do Nacionalismo Angolano, Simão Toco e os tocoístas tiveram uma tentativa de aproximação com os três movimentos de libertação e da luta contra o colonialismo. Porém, esta ideia não consistiu em usar os meios definidos pelos líderes daqueles movimentos emancipalistas em 1961, mas sim, para unificação dos mesmos e a criação de uma frente comum de luta contra o colonialismo de forma pacífica, com a finalidade de proclamar a independência num acordo comum entre os três movimentos.

A organização do processo emancipalista esteve presente em Luanda e em Lisboa, mas os primórdios, e quiçá o primeiro baluarte da expressão da luta contra as autoridades coloniais portuguesas, foi o Kongo¹. Este território esteve na vanguarda de algumas figuras dinamizadoras dos movimentos de libertação da UPA (União das Populações de Angola); FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola); MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola); UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola); NGWIZANI A KONGO ou NGWIZAKO (Associação dos Congolese de Expressão Portuguesa), NTO-BAKO (Associação dos Bakongu de Angola) e outros que serão referidos mais adiante.

Kongo: Alfobre do Nacionalismo Religioso e Político Angolano

Os estudos sobre o Nacionalismo Angolano enfatizaram a sua dimensão política e a sua tipologia começou por ser definida por Thomas Okuma, ex-missionário em Angola, que propôs a existência de duas correntes nacionalistas distintas: uma europeia e outra africana, termos usados como sinónimo de “branco” e de autóctone. O autor identifica vários estudos levados a cabo sobre o

¹ Kongo, terminologia a ser usada para se referir ao espaço do antigo “Reino do Kongo” que compreende hoje territórios do Norte de Angola, parte Oeste da República Democrática do Congo, o sudoeste e Oeste da República do Congo “Brazzaville” e parte Centro-Sul do Gabão.

Nacionalismo Angolano, mais precisamente por Pinto de Andrade, como um protesto político dos “negros” e mestiços e ignorou o nacionalismo dos “brancos” de Angola (PIMENTA, 2008, p. 30).

Nos estudos desenvolvidos por Okuma destacou-se o nacionalismo revolucionário dos “negros” e mestiços, encabeçados pelos principais movimentos de libertação de cariz armado, como a FNLA, MPLA e UNITA, dando a ideia de existir um nacionalismo revolucionário tripartido, com base nas populações de cada região linguística de Angola. Por seu turno, Pimenta (2008) realçou mais o nacionalismo dos “brancos”, sobretudo, dos movimentos da FUA (Frente Unida de Angola) e da agenda dos “brancos” de Angola no processo de descolonização (PIMENTA, 2008, p. 35).

Apoiando-se na obra de Mário Souza Clington, o autor acima indicado analisou as relações entre o nacionalismo negro e o movimento sociopolítico dos brancos liberais de Angola, equacionou a existência de um “nacionalismo euro-africano, apoiado por alguns setores da minoria branca de Angola, mas que era incapaz de se impor no quadro político da luta nacionalista, que era dominada pelos movimentos nacionalistas de maioria negra e mestiça (PIMENTA, 2008, p. 36).

Fora dos estudos desenvolvidos por esses investigadores, interessa refletir sobre o Nacionalismo Religioso, cuja abordagem far-se-á de forma seletiva. Quanto à problemática da formação do Nacionalismo Religioso e a Identidade Nacional no contexto Angolano, é, certamente, dos temas menos estudados, talvez por razões que se prendem com a pouca atração pelo tema entre os investigadores das ciências sociais.

O historiador britânico Mann (1994) distingue duas fases proto-nacionais, a religiosa e a comercial. Para este artigo, interessa a primeira que implicou a difusão da leitura e da escrita das línguas vernáculas levada a cabo na Reforma e na Contrarreforma. Este processo, ao promover a identificação de línguas vernáculas com distintos Estados e regiões numa época de guerra religiosa, poderia mesmo gerar sentimentos proto-nacionais entre as classes populares, mas só algumas vezes coincidiram com as fronteiras de Estado (MANN, 1994, p. 2).

Sem querer entrar na discussão sobre a natureza específica de vários movimentos ‘angolanos’ que desde cedo se estruturaram e organizaram no Kongo, não é despropositado afirmar que tal ampla região constituiu o berço do nacionalismo religioso e político angolano (WHEELER; PÉLISSIER, 2009, p. 314-315; ANDRADE, 1997, p. 33-37; MACIEL, 1963, p. 396-400), ainda que no interior de Angola (Luanda, Huambo, Huila) se tenha constituído várias organizações políticas clandestinas, de forma geral, por iniciativa de angolanos que tinham acedido ao estatuto de assimilados (PACHECO, 1997, p. 24-50; LARA, 2008, p. 27).

Como Douglas Wheeler & René Péliissier sugerem, antes da ascensão do Nacionalismo

moderno em Angola, havia uma espécie de micronacionalismo no espaço Kongo. Pode encontrar-se uma expressão inicial de descontentamento nas cartas dos soberanos do Kongo aos reis de Portugal e aos papas. Mas a forma de protesto mais comum era, sem dúvida, a rebelião armada (WHEELER; PÉLISSIER, 2009, p. 138-139).

No Kongo criou-se, entre os anos 20 e início dos anos 60 do século XX, uma série de organizações religiosas e políticas que, asseverando diversas formas e tipos, não deixaram de reivindicar por diversas vias um espaço de autonomia/independência religiosa e política. As diferentes tipologias em que têm sido classificados tais movimentos, como tribais/étnicos e nacionais, tradicionais e modernos, revolucionários e evolucionistas e religiosos para os casos de igrejas africanas, como movimentos messiânicos, movimentos mágicos e religiosos, igrejas independentes, etc., mostraram a complexidade do problema, mas não deixaram de partilhar o nascimento/emergência num espaço comum - o Kongo.² Por seu turno, as autoridades administrativas coloniais haviam percebido a divisão que afetava os chamados meios “emancipalistas angolanos” e procederam a um inventário dos vários partidos político-subversivos e outras agremiações em que se agrupavam os que se diziam naturais da Província, e que viviam nos países que lhes eram limítrofes, reforçando mais uma vez a tese da organização do nacionalismo angolano fora das fronteiras. Eis o balanço das organizações então identificadas (1963-1965)³:

- a. **Sede no Congo Léopoldville:** ATACAR ou ATCAZ, Associação dos Quiocos do Congo, Angola e Zâmbia; CUNA, Comité de Unidade Nacional Angolano; MDIA, Movimento de Defesa dos Interesses de Angola; NGWIZAKO ou NGWIZANI A KONGO, Associação dos Congolese de Expressão Portuguesa; N'TO-BAKO, Associação dos Bakongu de Angola; PDA, Partido Democrático de Angola; PNA, Partido Nacional Angolano; RCCKP, Associação dos Chefes Costumeiros do Congo Português; UNA, União Nacional de Angola; UPA, União das Populações de Angola; JMAE, Junta Militar Angolana no Exílio.
- b. **Sede no Congo Brazzaville:** ALIANA, Aliança dos Maiombes; AMANGOLA, Amigos do Manifesto Angolano; CAUNG, Comité de Acção de Unidade Nacional

² Sobre as diferentes tipologias, ver: OKUMA (1962), HERRICK (1976), ANDRADE (1962; 1997), CLINGTON (1975), MARGARIDO (1966), MARCUM (1969; 1978), PÉLISSIER (1969; 1978), WHEELER (1971) e PIMENTA (2008).

³ Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) / Serviços Centrais e de Coordenação de Informação de Angola (SCCIA), Livro n.º 129, *Relatório de Situação n.º 177*, 01.09.1965, fl. 133.

- Cabindense; MLEC, Movimento de Libertação do Enclave de Cabinda; MNA, Movimento Nacional Angolano; MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola.
- c. **Organizações Sindicais com Sede no Congo Léopoldville:** CGTA, Confederação Geral dos Trabalhadores Angolanos; CSLA, Confederação dos Sindicatos Livres de Angola, CUACSA, Comité de Unidade de Acção e Coordenação Sindical Angolano; FNTA, Federação Nacional dos Trabalhadores de Angola; FRDC, Federação Regional do Distrito de Cabinda; LGTA, Liga Geral dos Trabalhadores de Angola; UGTA, União Geral dos Trabalhadores de Angola; UNTA, União Nacional dos Trabalhadores de Angola.
- d. **Movimentos ou Associações das Juventudes com sede no Congo Léopoldville:** CJLA, Círculo dos Jovens Intelectuais de Angola; PPA, Partido Progressivo de Angola; RJEA, Associação dos Jovens Estudantes de Angola.
- e. **Associações e Organizações das Mulheres com sede em Léopoldville:** AMA ou AFA, Associação das Mulheres de Angola (UPA)
- f. **Associações e Organizações das Mulheres com sede em Brazzaville:** OMA Organização das Mulheres de Angola (MPLA)
- g. **Movimentos ou Associações Filantrópicas com sede em Léopoldville:** GASR, Grupo Angolano de Socorro aos Refugiados; OBRANG, Mão-de-Obra Angolana; SARA, Serviços de Assistência aos Refugiados (FNLA); UNIMOANGO, Unidade Moral Angolana; CVAAR, Corpo Voluntário Angolano de Auxílio aos Refugiados (MPLA).
- h. **Frentes Comuns ou Movimentos Associados com sede em Léopoldville:** CPA, Conselho do Povo Angolano; CPNLA, Conselho para a Negociação da Independência de Angola; FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola; FPIKP, Frente Patriótica para a Independência do Kongo Português.
- i. **Frentes Comuns ou Movimentos Associados com sede em Brazzaville:** FLEC, Frente de Libertação do Enclave de Cabinda;
- j. **Organizações Militares com sede em Léopoldville:** ELNA, Exército de Libertação Nacional de Angola (GRAE).
- k. **Organizações Militares com sede em Brazzaville:** EPLA, Exército Popular de Libertação de Angola (MPLA).
- l. **Governos:** GRAE, Governo Revolucionário de Angola no Exílio.

Ainda que conhecendo outras tipologias para a “classificação” dos atores do Nacionalismo Angolano, que atrás foi referido, parece interessante, pela sua capacidade de inclusão, a que foi utilizada pelos serviços de inteligência militar portugueses, nomeadamente nos “Relatórios de Situação”⁴ do SCCIA (Serviços Centrais e de Coordenação de Informação de Angola), segundo a qual reconhece duas tendências políticas nos movimentos subversivos angolanos: a conservadora ou moderada e a radical, sendo esta última, coincidente, no seu conteúdo, com a do tipo “nacionalismo revolucionário angolano” comumente usada. A primeira corrente era constituída pelos movimentos denominados conservadores ou moderados, nomeadamente, NGWIZAKO, MDIA, NTO-BAKO e MLEC. Na segunda corrente do nacionalismo, até 1962, faziam parte os movimentos da UPA, MPLA e da ALIAZO (Alliance des Ressortissants de Zombo - Aliança dos Emigrantes do Zombo), que, na primeira quinzena de fevereiro de 1962, deu lugar ao Partido Democrático de Angola (PDA)⁵. É na primeira corrente que se enquadra Simão Toco e o Tocoísmo na luta contra o colonialismo e consequente proclamação da independência de Angola.

As diferenças que se podem sublinhar entre as duas correntes, prendem-se com as formas ou vias adotadas para a proclamação da independência de Angola. A corrente do nacionalismo revolucionário defendia a realização de operações em Angola, para a concretização de uma Frente Comum, visando o desencadeamento de uma ação conjunta para a instalação, em território angolano, de um Governo Provisório da República de Angola⁶. Diligências teriam sido feitas por líderes daqueles movimentos no sentido de obterem apoio na ONU (Organização das Nações Unidas) por intermédio de organizações privadas. Trabalhando com mais aparato e a base da força, os líderes da UPA encabeçavam todas as iniciativas, no campo internacional, que visavam solicitar apoio e auxílio, quer material, quer militar⁷.

Por outro lado, os movimentos conservadores ou moderados também não estavam inativos. Os dirigentes deste movimento manifestavam o desejo de não empregar violência e pretendiam encontrar-se com representantes do Governo e em cooperar com as autoridades portuguesas. Neste

⁴ Documentos elaborados pelos “SCCIA” com base nas notícias e informações processadas durante o período de 1962 a 1974, através de informações do Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola (aspecto militar) e da PIDE (aspecto político interno). Os relatórios de natureza secreta destinavam-se a dar a determinadas entidades uma ideia da situação corrente em diversos planos (político e social, administrativo e militar). Iniciados em Janeiro de 1962, possibilitaram um retrato da evolução do Tocoísmo, em particular a sua “nova” ou mais ampla geografia no Norte com o uso dos refugiados recuperados; o confinamento do Tocoísmo em aldeias e regiões controladas pela administração colonial, mas também a sua presença e ativismo noutros pontos do país, em particular ao longo do Caminho-de-Ferro de Benguela.

⁵ Cf. ANTT/ SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 5*, 09.02.1962, fls. 84-90.

⁶ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 1*, 11.01.1962, fl. 5.

⁷ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 3*, 26.01.1962, fl. 32.

sentido, e encabeçando os demais, a “NGWIZAKO teria dirigido uma carta ao secretário-geral da ONU, solicitando a intervenção deste organismo a fim de que se realizasse um encontro entre os dirigentes dos partidos angolanos moderados e os representantes do Governo português, sugerindo que o encontro se efetuasse na Suíça”. Por seu turno, “a NTO-BAKO continuou com a sua propaganda de atração das populações refugiadas nas matas e no Congo”⁸.

O historiógrafo angolano Edmundo Rocha, nos seus estudos sobre a génese do Nacionalismo Moderno Angolano, faz menção às organizações que estiveram na origem dos movimentos nacionalistas dos anos 50 do século XX. Aponta como a mais representativa a:

Junta de Defesa dos Direitos de África (JDDA) criada em 1912, em Lisboa, por um grupo de intelectuais, na grande maioria estudantes santomenses, angolanos e cabo-verdianos. Esta associação pretendia por um lado afirmar a identidade negra e a capacidade de os africanos atingirem altos níveis de conhecimento humano [...] (ROCHA, 2009, p. 47-48).

Ainda o mesmo autor destacou que no extremo norte de Angola, os bakongu de S. Salvador e os emigrantes angolanos no Congo de maioria bakongu reuniram-se na União das Populações do Norte de Angola (UPNA), em 1954 - associação de entreatada de carácter “etno-regional”, mas extremamente coesa e dinâmica, que viria a dar origem, quatro anos mais tarde, à União das Populações de Angola (UPA). Identificou também a ALIAZO que considerou ser também um agrupamento de carácter “tribal”, baseado nos angolanos de Maquela do Zombo, emigrados no Congo e que evoluiu, adquirindo no fim dos anos 50 uma dimensão política (ROCHA, 2009, p. 82).

Noutra vertente investigativa, Blanes fez uma descrição minuciosa dos profetismos, deixando pistas de investigação sobre um nacionalismo religioso, quando se referiu:

[...] a região do Baixo Kongo e Norte de Angola é conhecida por uma longa tradição de movimentos religiosos autóctones de base cristã que foram sendo conhecidos por profetismos Kongo ou messianismos bakongu. De tal forma que se pode estabelecer uma historiografia de linhagem/comparativa entre movimentos históricos como o de Dona Beatriz Kimpa Vita (1684-1706) e outros movimentos que emergiram no período tardo-colonial, como o do Kimbanguismo, o M'padismo e o Tokoísmo (BLANES, 2014, p. 107-127).

As referências sobre os profetismos e/ou messianismos no Kongo são antigas e várias, designadamente, Francisco Cazola, no ano de 1632; o Antonianismo, fundado por Kimpa Vita entre 1704 e 1706 (SANTOS, 1972, p. 45-47; GROMIKO, 1987, p. 289-290; BALANDIER, 1995, p. 268; JADIN, 1968, p. 110-119). Em 1921, apareceu o grande profeta africano Simon Kimbangu, a Seita Kitawala em 1923, a Igreja do Exército da Salvação, (BLANES, 2014, p. 107; HENDERSON, 1990, p. 147-148)⁹, a Missão dos Salvadores; a Liga Nacional dos Muxicongu, entre os anos de

⁸ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 2*, 16.01.1962, fls. 14-15.

⁹ Cf. Arquivo Histórico Diplomático/Ministério do Ultramar/Gabinte Militar/Gabinete de Negócios Políticos/Repartição

1956-1957¹⁰; o movimento “*Dieudonné*” (PINTO, 2010, p. 343; CUNHA, 1959, p. 15).

O caráter de reação dentro destes movimentos religiosos era inegável, como se pode notar nas declarações dos discípulos de Simon Kimbangu, a partir de 1921: “ [...] ele virá como triunfador no meio de nós. Gozaremos de paz e de alegria, vindo a possuir todas as riquezas. Seremos livres dos nossos inimigos, que todos serão expulsos das nossas terras” (ESTERMANN, 1965, p. 36).

No período em que se fundaram os movimentos religiosos indicados, em Angola, a contestação política de forma organizada era quase impensável, devido às repressões dos colonizadores, o que passou a ser feito através das igrejas e outros grupos de associações culturais, onde por intermédio de cânticos, interpretações bíblicas, precisamente de textos do Antigo Testamento, nas danças e músicas folclóricas, as populações puderam passar a sua mensagem contra a dominação colonial.

Em relação à interferência de Simão Toco sobre o poder colonial, os estudos apontam para a “pregação de Simão Toco que era alarmante diante das autoridades coloniais e que contaminou o espírito nacionalista de forma massiva e o Tocoísmo foi o combustível ou palha para que o fogo do nacionalismo se espalhasse em todo o território angolano” (BATSIKAMA, 2018, p. 127).

Segundo o *Courrier d’Afrique* de setembro de 1962, conseguimos deduzir que Simão Toco colocava-se ao lado de outros movimentos de caráter pacifista como foram os casos MDIA, NGWIZAKO, a organização de nativos Ngwizani Ya Kongo criada em Boma a 15 de fevereiro de 1960. Mais tarde mudou a sua sede para Léopoldville. A finalidade da NGWIZAKO era a independência de Angola; e NTO-BAKO que havia sido criada pelos mais velhos emigrantes angolanos estabelecidos em Léopoldville, pela não-violência, procurou apoio das grandes organizações internacionais na luta contra o colonialismo português em Angola (MACIEL, 1963, p. 121-131)¹¹.

Para o período de 1962-1965, existem elementos que sugerem a existência de relações entre o líder religioso Simão e os membros do Movimento de Defesa dos Interesses de Angola. A primeira ligação que encontramos é a existência de correspondência de João Bolwell Makiadi e João Paulo, respetivamente, terceiro conselheiro e diretor da propaganda da “fação M’bala” do

dos Negócios Políticos (AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029: Documento n.º 83, *Referências ao Exército da Salvação*, 30.03.1954, fl. 31.

¹⁰ Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Sistema de Infiltração Comunista na Província de Angola (Seitas): Kitawala*, 03.01.1960, fls. 142-157.

¹¹ Cf. ANTT/Polícia Internacional de Defesa do Estado- Direcção Geral de Segurança/Delegação de Angola PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Gabinete de Imprensa Estrangeira*, 21.09.1962, fls. 44-45.

MDIA, para Simão Toco. Numa das cartas, referência:

[...] os angolanos continuavam a viver em péssimas condições no Congo Léopoldville, onde eram muito mal vistos e donde estavam sempre na contingência de serem expulsos. [Segundo os autores da carta], M'bala foi a Lisboa para tratar da independência de Angola, porém, e segundo ele, lhes dizia, só Simão Toco é quem tinha poder para dar um bom ou mau destino ao povo [...]. Denunciando uma ação conjugada, M'bala também remeteu carta a Simão Toco, declarando-se seu filho espiritual, e informando-o de que neles depositavam o povo toda a esperança¹².

Sobre o assunto, Simão Toco respondeu ser apenas um homem de Deus e que nada tinha com a política, se bem que reconheceu que o Tocoísmo não estava isento de culpas. Mas não era a ele a quem cabia a responsabilidade dessas culpas porque, segundo disse, não poderia evitar que os indivíduos a quem explicava a Bíblia sobre a criação dum “Novo Céu e de uma Nova Terra” tivessem confundido tudo e dado origem a guerra entre nativos e as autoridades portuguesas. Pediu ainda a M'bala que transmitisse a sua posição a Makiadi e a João Paulo e aconselhou os deslocados no Congo Léopoldville que se apresentassem às autoridades coloniais que por certo lhes arranjariam trabalho¹³.

Mas é de salientar que apesar de uma aparente aproximação com os movimentos religiosos e nacionalistas emancipalistas, no combate ao colonialismo e suas práticas, Simão Toco foi bastante crítico em relação aos tocoístas que pretenderam associar-se aos movimentos de cariz político e escreveu a exemplo:

[...] o irmão Armando é um grande servidor de Cristo, deixa as ideias da N'tobako, porque esses partidos todos ficarão neste mundo que eles querem governar e vereis nos vossos olhos o lugar onde os tocoístas irão. O irmão Armando da Cruz reúne toda a Igreja e trabalhem todos para Cristo. Se fosse um caso das autoridades para fazermos trabalho do Estado isso é outra coisa, mas entrar em actos políticos, os tocoístas não trabalham para esse fim. Que o mundo saiba que os tocoístas trabalham para adquirir a vida eterna, por isso rezam todos os dias a Deus¹⁴.

Estes laços com MDIA, em 1962-1965, teriam perdurado. Foi isso que levou os dirigentes daquele movimento, em 1974, a reclamar o fim da deportação de Simão Toco.

O movimento do Tocoísmo teve grandes repercussões e captou a atenção de alguns movimentos de carácter político, que não querendo optar pela violência procuraram uma solução negociada para se alcançar a independência de Angola. Mas esta atitude criou um certo conflito de interesses com a FNLA e com as autoridades coloniais, precisamente na zona norte de Angola.

¹² Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 120*, 29.07.1964, fl. 67.

¹³ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 120*, 29.07.1964, fl. 67.

¹⁴ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para Todo O Norte e Menos N'taia*, 28.02.1973, fls. 37-40.

Tocoísmo, a UPA/FNLA, a Administração Colonial e a Luta pelo Controlo do Norte de Angola (1961-1963)

Neste ponto, constitui uma temática central deste artigo as relações que se estabeleceram entre Simão Toco, os tocoístas, a UPA e as autoridades coloniais portuguesas, na sequência do levantamento de 15 de março de 1961.

O percurso de Simão Toco e o seu movimento será difícil de desassociá-los da luta de emancipação política que se iniciou nos anos 60 do século XX. É um assunto considerado controverso, porque as fontes consultadas indicaram que Simão Toco desempenhou um papel dúbio, definido quer pelas autoridades coloniais portuguesas, quer pela imprensa africana (congolesa acima de tudo), apoiantes dos ideais do movimento da UPA/FNLA durante o processo de luta contra o colonialismo. Esta situação criou-se porque em alguns momentos teve a sua retórica em defesa das autoridades coloniais e deslocou-se para as matas do Norte, a fim de chamar as pessoas que haviam fugido por causa das confrontações, deixando-as entender que esteve ao serviço do Estado, defendendo, em outros momentos, o fim da escravatura, do colonialismo e de todas as suas práticas opressivas e da libertação de África contra os impérios europeus.

Sobre os acontecimentos ocorridos no Norte de Angola, e em particular o levantamento de 15 de março¹⁵, só obtivemos a posição tardia de Simão Toco quase oito meses depois, quando foi instigado pelos jornalistas, que o foram entrevistar em Ponta Albina (outubro de 1961) e demonstrando estar ao lado das autoridades coloniais, apelou:

[...] a todos os nativos do território do Congo Português, nós somos portugueses e não somos estrangeiros, embora entre nós alguns receberam uma educação estrangeira, não quer isso dizer que sejam considerados ou chamados estrangeiros. Portanto, eu me apresento a vós, meus amigos portugueses, do Congo português e meus irmãos que nascemos portugueses, continuaremos a ser portugueses e temos que amar Portugal e continuaremos a ser filhos de Portugal. Estou a disposição do Governo para tudo quanto seja necessário para defender Portugal e quero também que todos estejam em acordo para tudo que for preciso para a defesa da nossa pátria [...]. Portanto, eu falo a todos os meus amigos nativos desta terra portuguesa: temos que andar e ajudar o exército português para expulsar e pôr na rua esta corja de malfeitores que estão estragando nossa terra. Viva Portugal!¹⁶.

¹⁵ Ataques protagonizados pela UPA, movimento que iniciou a sua luta armada de libertação nacional naquela região do território, nomeadamente no Concelho do Uíge, estendendo-se, *a posteriori*, para o sul, até à actual província do Bengo. Teve como retaguarda de luta a atual República Democrática do Congo. É uma data que para alguns sectores em Angola marca o início da luta armada contra o colonialismo português. Naquele dia, elementos da então União dos Povos de Angola (UPA) atacaram em simultâneo cinco localidades, então chamadas de distritos, nomeadamente: Luanda, Uíge, Cuanza-Norte e Malanje, nas fazendas de colonos e outros alvos das autoridades coloniais no norte do país. A sublevação inicial abrangeu a região norte, maioritariamente habitado pelos akongu, fortemente cristianizados por missões católicas e batistas, e estendeu-se também pela região dos Dembos, parcialmente de língua kimbundu e com grande influência das missões metodistas.

¹⁶ Cf. Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (Outubro de 1961), Documento Vídeo, in <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, (visto em 13.07.2017).

Não se sabe se esta era a posição dele em março/abril de 1961, pois as fontes não apresentam informações sobre aquele período.

Tendo em conta o contexto social e político da época e os propósitos de Simão Toco para o bem-estar do povo angolano, facilmente se pode compreender o ambiente em que tais palavras foram proferidas, pois depreende-se que passava pela estratégia das autoridades coloniais exercer certa pressão psicológica para que aquele líder, que gozava de grande simpatia junto da massa adepta, pudesse coartar a influência da UPA junto das populações do Norte de Angola.

Na mesma entrevista, questionado sobre a impressão que tinha dos acontecimentos no Norte de Angola, sem objeções, disse: “a minha impressão sobre os acontecimentos no Norte de Angola, eu digo que os culpados merecem castigo porque a UPA escola dos terroristas, ensina o Comunismo para fazer guerra em nossa casa, fazer a guerra também ao nosso Portugal”¹⁷.

Mais importante foi a sua disponibilidade para cooperar com as autoridades coloniais na recuperação da massa popular que na sequência do 15 de março se refugiaram nas matas. Assim, para atingir os objetivos definidos quer pelas autoridades coloniais portuguesas, quer também aqueles delineados num plano mais pessoal, diplomaticamente, Simão Toco, na companhia de autoridades coloniais, entrou em ação e acudiu a situação que assolava uma parte da região norte de Angola, realizando uma série de reuniões com os nativos. Aconselhou os nativos a regressarem à sua terra (Angola) para reconstruírem as casas e fazerem as suas lavras.

Sobre as viagens para as matas, Simão Toco havia elaborado um relatório intitulado *Resumo da Minha Viagem Para o Norte de Angola*, que entregou às autoridades, onde escreveu o seguinte:

Eu e a minha comitiva, Sr. Luvualo Davdi, Domingos Quibeta e meu filho João Toco, partimos de Luanda para Carmona no avião da DTA no aeroporto Craveiro Lopes no dia 16 de Junho de 1962 [...] em 18 de Junho seguimos o nosso itinerário em direcção ao Songo. [...] em 19 do mesmo mês partimos do Songo para Toco e daqui para o Colonato do Vale do Loge, [...]. Durante os dias da nossa permanência no Colonato, entramos em várias matas, acompanhados pelo Sr. Administrador e a tropa a procura dos nativos refugiados para se apresentarem às autoridades. Nada se conseguiu em virtude de eles se encontrarem no poder da UPA, que os distribuiu em diversas matas formadas pelos quartéis onde são vigiados. Os quartéis bem armados são: os da secção da mata de Sanda Quina Yamba, Bembe, Yangila, Quicanga, Dio, Sagui, Vamba, Kamba, Bonde, os quartéis ao lado do rio Bridge, Caluca, Fuesse, Caipemba, até Songa onde recebem o material de guerra, vindo da Tunísia, Marrocos, Rússia, [...] sobre a saída dos colonos do Colonato do Vale do Loge, segundo informações obtidas pelos próprios colonos já apresentados em Maquela do Zombo, contam que a 3 de Março de 1961, apareceu no Colonato um comandante da UPA, Lamborne, natural de Sanda Quina em Nova Caipemba, e começou a dizer-lhes que o presidente Holden Roberto incumbiu a todos os seus comandantes e oficiais do Governo Provisório de Angola no Exílio, a fim de cortar e escorraçar todos os europeus residentes em Angola por não deixarem o mau hábito de escravizar o próprio dono da terra durante o

¹⁷ Cf. ANTT/ Serviços Centrais e de Coordenação de Informação de Moçambique (SCCIM): C-9-149 A, P. 90215: *Tocoísmo*, 18.10.1961, fls. 32-33.

período de 500 anos e dizia-lhes também que o irmão menor já tinha recebido a sua independência, mas tu angolano, irmão mais velho, se não tiver força de expulsar os portugueses, o teu irmão menor ajudar-te-á [...]. Nós os angolanos queremos paz, trabalho [...], viva Portugal, viva Angola, viva o povo português¹⁸.

Diferentemente do que escreveu Simão Toco, alguns membros tocoístas tinham sido acusados de fazerem parte do movimento emancipalista da UPA. Houve casos de confirmação de adesão ao movimento, uns de livre vontade, e noutros casos forçada, como o exemplo das declarações de Pedro Tumissungo Cardoso, que tinha sido nomeado para o cargo de Secretário Responsável da UPA no Colonato do Vale de Loge, mas que tal nomeação tinha sido unicamente aceite por pressão do chefe local da UPA, e que nunca teve simpatia por tal movimento, pois era inteiramente oposto às suas convicções religiosas. Tudo quanto ele e os outros tocoístas tinham feito em colaboração com os membros da UPA, foi resultado do medo das represálias violentas, uma vez que não estavam em condições de se defenderem contra os homens poderosamente armados¹⁹.

Em setembro de 1962, desejando rebater as acusações que comumente se faziam aos Tocoístas e ao Tocoísmo, como organização contrária a política de Portugal, Simão Toco propôs a criação de milícias à base de adeptos seus, milícias essas que, à frente das tropas portuguesas ou de voluntários, dariam combate aos terroristas. Entretanto, ofereceu, e foram aproveitados, pisteiros e agentes de informação recrutados dentro da seita. A atividade destes pisteiros e destes informantes produziu elevado rendimento, havendo que creditar aos serviços a localização das centrais terroristas do Fuesse, Quindualo e Caluca, bem como a condução das tropas portuguesas nas ações militares que as destruíram e foram consideradas das mais bem-sucedidas²⁰.

Para este efeito, Simão Toco dirigiu uma carta às autoridades coloniais, onde reafirmou a sua demarcação completa dos movimentos de libertação, precisamente da UPA, e a sua fidelidade a Portugal:

[...] estou certo de que o nosso Governo é o governo português [...]. Muitos julgam que sou inimigo de Portugal, mas tenho dito várias vezes que eu nasci português e continuarei a ser português em tudo até à morte. Tenho pedido ao nosso Deus criador para que não haja mais lutas e misérias nesta nossa terra portuguesa de Angola. Quando eu andava na terra do Sul de Angola, isto é, em Ponta Albina, não acreditava que os terroristas fizessem algum estrago. Mas na viagem que fiz ao Norte da Província, vi os terroristas, fugindo nos muros. [...], por isso, venho pedir às nossas autoridades civis e militares a fim de emprestarem-me quatro carros pelo menos e os tocoístas farão a quotização da gasolina; não quero mais ver massacres em Angola e se eu não apanhar as armas da UPA é certo de que o nosso Deus não é verdadeiro. Conto partir no dia 5 ou 8 de Outubro e levo comigo 101 homens e o

¹⁸ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Resumo da Minha Viagem Para o Norte de Angola*, 20 de Agosto de 1962, fls. 98-101.

¹⁹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial: *Declaração de Pedro Tumissungo Cardoso*, 11.09.1962, fls. 195-197.

²⁰ Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fls. 206-209.

nosso Governo fica com mais 1500 e tal tocoístas homens, mulheres, filhas e filhos. Viva Portugal! Viva Angola, Viva o Povo português²¹.

A respeito das viagens às matas do norte de Angola, foram várias as notícias que se fizeram circular no *Courrier d'Afrique*, fazendo menção do sucedido e procurando tecer algumas ideias sobre o que na realidade ocorreu, saltando à vista o que escreveu André Matumona naquele jornal e que foi traduzido pelas autoridades coloniais portuguesas nos seguintes termos:

[...] quando a revolução do povo se desencadeou em Angola, a Embaixada portuguesa em Léopoldville, teleguiada pelo Governo-geral de Luanda fez-se ultrapassar numa política subversiva. Enquadradas nesta política, em 1961, formaram partidos políticos angolanos a soldo de Salazar e, por hábeis manobras, conseguiram semear o desentendimento entre os líderes nacionalistas angolanos [...] surge com um problema delicado que incita as organizações políticas angolanas, as chamadas moderadas a oporem-se àquelas que decidiram correr com o colonialismo português, por uma acção mais directa. Para escudar melhor este jogo, o governo de Lisboa serve-se de dois presos políticos, que tem humilhado durante anos. Um deles é Simão Toco. Esta nova tarefa de Simão consiste unicamente em convencer os refugiados angolanos na RDC (República do Congo Democrático) a regressarem às suas aldeias²².

A atividade desenvolvida por Simão Toco levou algumas esferas políticas daquela época a chamarem o líder religioso de “traidor”, pois entendiam que tais pretensões estavam contra as realizadas pelos movimentos emancipalistas. Foi o caso do PDA, conforme manifesta um dos seus discursos, traduzido pelas autoridades coloniais portuguesas:

Simão Toco ter servido de isca aos ardis a patranha dos chefes da revolução. O desaire verificado no último fim-de-semana (Outubro de 1962) em Kimpangu pela Delegação da FNLA parece encontrar esta presunção. É preciso ver que esta delegação seguia a convite formal de Simão Toco. Num dia previsto, Simão Toco não se apresentou no local combinado, em território congolês. Mas ao contrário, mandou o Comissário do Distrito de Maquela, seu adido, dois militares portugueses e dois angolanos em serviço no exército com o fim de convencer a mesma delegação a entrar em Angola. Felizmente o perigo foi descoberto com lucidez. Em resposta, a delegação da FNLA repetiu com veemência a vontade indomável das massas angolanas de se libertarem do regime fascista de Salazar [...]²³.

Contrariamente aos que entenderam Simão Toco como ameaça de determinados interesses, os seus seguidores consideraram a sua presença no Norte Angola como uma autêntica vitória, afirmando que milhares de angolanos se tinham convertido ao Tocoísmo. Circulou também, na altura, a ideia de que Simão Toco tinha partido com os seus anciãos - Domingos Quibeta, João Sivi e Luvualo David -, atravessando a região norte de Angola que havia sido devastada pela guerra, para chegarem à fronteira, chamarem os seus fiéis que se tinham refugiado no Zaire e convencê-los

²¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Carta de Simão Gonçalves Toco*, 24.09.1962, fl. 31.

²² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Le Courrier d'Afrique: As Organizações políticas angolanas opõem-se ao regresso incondicional dos refugiados*, 10.07.1962, fls. 121-122.

²³ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Le Courrier d'Afrique: Análise ao Problema Angolano*, 10.08.1962, fls. 82-84.

a regressar a Angola. Para albergá-los, Toco mandou construir a Vila Ntaya-Nova, perto de Maquela do Zombo (HENDERSON, 1990, p. 439).

Segundo os relatórios elaborados pelos agentes administrativos que o acompanharam, descreveram que contra a influência dos movimentos de cariz político, Simão Toco tinha exortado os tocoístas e outros refugiados para que não dessem ouvidos aos maus conselhos dos que falavam mal dos portugueses, porque eram seus amigos e não podiam viver sem o seu auxílio, e que, quando ouvissem ou soubessem de propagandistas da UPA/FNLA ou ALIAZO, os denunciassem às autoridades, em virtude desta propaganda ser absolutamente falsa, fazendo-lhes sentir, ao mesmo tempo, que os “brancos” não matavam os “pretos”, conforme verificavam com a sua presença e dos que o acompanhavam - o seu tio, filho e Luvualo²⁴.

Mas em outros momentos, Simão Toco tinha sido mais explícito na propaganda de regresso, dirigindo-se aos presentes que, os refugiados que regressassem à sua terra de Angola tinham de trabalhar muito para obterem dinheiro, com o qual não só, melhorariam a sua situação, como também pagariam os impostos que agora eram pagos, quer por brancos, quer por pretos. Que os nativos nascidos em Angola deviam regressar, pois não era bom para eles viverem num país estrangeiro conforme aconteceu com ele que, depois da permanência de sete anos no Congo, voltou para Angola onde reconheceu que passou a viver melhor²⁵.

O resultado, como vimos anteriormente, culminou na criação da aldeia Ntaya ou “Terra Santa” dos tocoístas, depois de vários apelos e encontros mantidos com os refugiados. Mas ainda assim não granjeou confiança suficiente entre os membros do governo colonial, que o acusaram de estar em conluio com os movimentos de libertação nacional.

Em outros documentos posteriores da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) encontram-se as referências sobre a situação do Tocoísmo de 1961 a 1965, e uma das orientações do governo indicava:

[...] ficar perentoriamente vedado aos serviços Públicos de receberem qualquer requerimento, petição ou outro documento apresentado em nome da seita; os mesmos serviços não poderiam aceitar ou dar andamento a qualquer documento que tivesse o timbre usado pela seita; proibição dos tocoístas de efectuar reuniões públicas de culto no seu bairro em Luanda, e retirada da casa n.º 176, Bloco 7, do referido bairro, do tocoísta Tovalo Álvaro, que estava servindo de Tabernáculo, por determinação da Comissão Administrativa dos Bairros Populares, visto não a estar habitando; prisão e aplicação de medidas de segurança administrativa de fixação de residência, dos chefes mais responsáveis, em vários

²⁴ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Extraordinário: *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

²⁵ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Extraordinário: *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

pontos da província²⁶.

Assim, para além do nascimento da Aldeia N'taya, ficou registado como corolário daquelas viagens, o aumento acentuado da influência do movimento em Luanda e lá se construiu outra igreja, no chamado “Bairro dos Congolezes”, onde Simão Toco passou a habitar e a desenvolver, paralela e ativamente, uma atividade reorganizadora da sua seita. No entender das autoridades coloniais, aquela reorganização a breve trecho principiou por denunciar os propósitos político-subversivos que originaram a criação da seita no Congo Léopoldville em 1949, e não tardou muito mais que o Tocoísmo voltasse a estender-se por grande parte de Angola, causando sérias preocupações a que se tentou pôr cobro com a saída do Simão Toco, da província para a Metrópole, ocorrida em 18 julho de 1963²⁷.

Sobre o aspecto político muitas vezes levantado pelas autoridades administrativas coloniais, entendemos que foi por causa dos hinos e bases de interpretações feitas aos versículos bíblicos do Antigo Testamento, que muito soube fazer uso. Foi a interpretação destes hinos, versos bíblicos e outras manifestações de culto que levaram as autoridades coloniais portuguesas a enquadrar o Tocoísmo na mesma linha de pensamento dos movimentos políticos, que em Angola lutavam contra o poder estabelecido. Fruto dos acontecimentos que demos como exemplo, as autoridades tomaram determinadas medidas tendentes a limitar a influência do líder religioso, bem como em acabar com a expansão do movimento em Angola.

Na prossecução das medidas repressivas, em julho de 1963, considerou-se oportuna a ocasião para se afastar Simão Toco da província, pelo que, na sua qualidade de funcionário do Estado, foi transferido para os Açores, e colocado na Ilha de São Miguel²⁸. Quanto ao seu posicionamento de manifesto apoio às autoridades coloniais, mesmo como prisioneiro e exilado, manterá a sua postura em relação aos movimentos de libertação de Angola.

Numa entrevista concedida, em 1974, sobre os movimentos independentistas e reacionários nas colónias portuguesas, o líder religioso manifestou-se contra a corrente que o considerava aliado das pretensões defendidas pelos movimentos de libertação, ao declarar:

[...] eu sou angolano, francamente, eu não posso mentir, porque eu não sei que posso dizer, porque eu não conheço e nunca andei com eles, nunca convivi com eles e nunca reunia com eles, portanto, me custa agora saber a ideia deles. A minha ideia é religiosa. Só conheço entre esses políticos o António Agostinho Neto, que foi meu colega quando estudei em Luanda e ele foi para o continente cursar, porque tinha dinheiro e eu não tinha e por isso fui

²⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2.ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 19.

²⁷ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2.ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 03.

²⁸ Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 295.

para a minha terra natal ajudar os missionários. E desde que entrei para os missionários, na mão deles, nunca mais saí deles, isto desde 1926 até 1949, depois de ter sido expulso e até hoje. [...] só vim parar aqui nos Açores por causa da perseguição, porque os padres e o Estado não queriam que eu ensinasse a doutrina deles e quando cheguei para aqui, entrei logo para os serviços de farol²⁹.

Parece que essa postura de neutralidade se manteve por muitos anos entre os tocoístas. O extrato de uma correspondência de tocoístas de Uaba/Huíla, em 1973, para o seu líder nos Açores, exprimia o seu desagrado com a situação que se vivia dentro da Igreja através de um dos seus irmãos que havia enveredado por caminhos políticos. A correspondência rezava:

Nosso irmão Simão Gonçalves Toco, nós os membros da igreja localizados nesta zona, estamos a apresentar a nossa declaração sobre o caso do nosso irmão Armindo Manuel da Cruz, em Carmona, quanto a ideia dele. A Igreja do Colonato de Uaba acham que desta maneira de ele ser político, ele não pode trabalhar mais no serviço da igreja, porque lembramos alguns mandamentos que nos dizem assim: não filiar-se ao lado da UPA, nem em qualquer outro partido político que não seja verdadeiramente cristão. Nós gostamos e estamos ao lado deste mandamento. Portanto, a Igreja de Uaba apresenta as suas opiniões: que o irmão Armando Manuel da Cruz fica fora da igreja com as suas ideias e nada de acrescentamento³⁰.

O papel dos “Tocos” na luta contra as autoridades coloniais portuguesas de forma pacífica ficou também demonstrado quando os seus seguidores promoveram em Luanda uma reunião de esclarecimento entre os membros da Igreja Tocoísta, tendo como base uma correspondência do líder, na qual orientava a Igreja Tocoísta a receber todos os homens de boa vontade, contudo, nesta não haveria lugar para aqueles que fossem adeptos da violência. Simão Toco sublinhou que a sua igreja não interferiria nos assuntos políticos de Angola e submeter-se-ia à autoridade estabelecida ou que viesse a ser estabelecida³¹. Foi a mesma estratégia de passividade que o fez anos mais tarde estar ao lado dos movimentos armados de libertação, sobretudo, nas vésperas da proclamação da independência.

Regresso de Simão Toco a Angola (1974) e a Proclamação da Independência

Depois de toda a situação que se desenrolou no norte de Angola em 1961/1962, Simão Toco foi transferido para os Açores e a sua ida teve como causa imediata a acusação que pesou sobre ele, a de pouco fazer em prol das autoridades coloniais e de levantar suspeitas de estar ao lado dos movimentos emancipalistas a partir de 1961, constituindo o pano de fundo e a grande razão para o

²⁹ Cf. Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, (visto em 13.07.2017).

³⁰ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Correspondência dos Membros da Igreja em Caconda no Colonato de Uaba, Para Simão Gonçalves Toco*, 10.02.1973, fl. 140.

³¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2.ª Sec.: *Carta de Simão Sobre o Papel das Sucursais*, 11.06.1973, fl. 157.

novo destino que havia sido imposto ao líder religioso. Mas com as mudanças internas e externas na política colonial, Simão Toco regressou a Angola em 1974, dentro daquela conjuntura que caracterizou o poder colonial português.

Para Pimenta, a população angolana foi reagindo lentamente à queda da ditadura através da realização de manifestações de apoio à Junta de Salvação Nacional (JNS). Benguela foi a primeira cidade a reagir, mediante a organização de uma sessão de apoio à JSN no dia 28 de abril de 1974. A par das demonstrações públicas, as franjas mais politizadas da sociedade colonial procuraram organizar-se em associações ou movimentos políticos (PIMENTA, 2008, pp. 353-354), que tiveram a intenção de competir com os movimentos nacionalistas revolucionários que entre 1961 e 1974, com maior ou menor resistência, visaram conquistar a independência pela via armada.

O 25 de abril de 1974 foi interpretado nos meios de comunicação da época como sendo o momento crucial que se constituiu na vida de Simão Toco para a realização do desejo de regressar a Angola e juntar-se aos companheiros ou irmãos angolanos na luta contra o colonialismo. Aquela data acabou por proporcionar o estabelecimento de condições políticas para uma rápida resolução do problema colonial³². De fato, o golpe militar tinha também por objetivo acabar com a guerra colonial e definir uma solução política para o futuro das colônias portuguesas. Em Angola, as guerrilhas nacionalistas estavam numa situação de grande debilidade política e militar, uma consequência da natureza fragmentária do fenómeno nacionalista angolano e do fato de a guerra ter sido combatida separadamente por três movimentos rivais: UPA/FNLA, o MPLA e a UNITA (PIMENTA, 2008, p. 348).

Logo em maio de 1974, o Comando-chefe das Forças Armadas de Angola emitiu um comunicado no qual anunciava:

[...] uma comissão de representantes dos movimentos políticos integrados no Movimento de Defesa dos Interesses de Angola (MDIA) foi recebida pelo General-comandante Chefe, a quem foi exposta a situação do movimento decorrente do contexto político actual. O general Franco Pinheiro determinou que se tomassem providências relativas à concretização de alguns dos justos anseios daquele Movimento, tendo nomeadamente transmitido ao Governo Provisório, através do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o pedido expresso por aquela comissão para que se autorizasse o imediato regresso a Angola de Simão Toco, que vivia no Arquipélago dos Açores³³.

Todavia, o repatriamento ainda não estava resolvido em julho de 1974, e o *Diário de Luanda* interrogava-se:

[...] quando regressará a Angola o líder místico-religioso Simão Gonçalves Toco [...] o regresso de Simão Toco a Angola foi pedido, por uma comissão de representantes das

³² Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI, *Diário de Luanda*, 03.08.1974, fl. 34.

³³ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Periódico A Província de Angola*, 24.05.1974, fl. 23.

associações políticas integradas no Movimento de Defesa dos Interesses de Angola [...] o criador da doutrina Tocoísta está ausente de Angola vai para doze anos [...], com o fundamento de praticar os ritos de uma doutrina místico-religiosa hierarquizada, pregando a vinda de uma ordem nova que, sob o reino de um novo Cristo, derrubaria as autoridades e poderes coloniais, para tomar o seu lugar e fazer reinar a justiça [...]³⁴.

O *Diário de Luanda*, publicado a 14 de junho de 1974, fazia referência sobre a possibilidade de Simão Toco regressar em agosto, e a este respeito podia ler-se o seguinte:

O chefe religioso angolano Simão Toco, com residência fixa nesta Ilha desde há dez anos, declarou, nesta cidade, tencionar regressar a Angola no próximo mês de Agosto, depois de suas filhas mais novas concluírem os estudos que estão cursando nessa cidade. Simão Toco veio deportado para São Miguel quando deflagrou a insurreição armada em Angola, por alegadas ligações com os movimentos de libertação [...]³⁵.

Outro movimento político que se mostrou favorável ao regresso do líder religioso Tocoísta em Angola foi o Partido Cristão Democrático de Angola, em julho de 1974. Num dos seus manifestos podia ler-se que o “Partido apoia o regresso de Simão Toco a Angola”. Perante a onda de desordens verificada em Luanda e a falta de segurança da população, protestou, em telegrama enviado ao presidente da República, “contra a presença em Angola de pessoas incapazes de manterem um clima de paz e de segurança” e pediu o saneamento imediato da Rádio e da Imprensa³⁶. E a delegação que esteve em Lisboa, em 23 de julho de 1974, teria manifestado ao presidente da República o desejo de ver o líder religioso Simão Toco regressar brevemente à sua terra. No dia 25 de julho de 1974, o Dr. António Joaquim Ferronha e Dongala Garcia seguiram para os Açores onde contactaram com Simão Toco³⁷.

Em agosto de 1974, as informações sobre a viagem de Simão Toco foram acompanhadas com maior atenção, sobretudo, pelo *Diário de Luanda*, que chegou a publicar a seguinte mensagem do líder para os seus seguidores e tocoístas:

Dentro em breve convosco. Nós, os tocoístas, e os cristãos, todos nós trabalhamos para Deus, vamos nos unir para formarmos uma Angola muito maior, muito próspera e cheia de paz para a glória do Senhor. Vamos cooperar com fé, com o Partido Cristão Democrático. [...], juntar-nos-emos, dentro de Angola, para formar um Governo bom e uma união geral de todos. Não será com a nossa força. Vamos é pedir a Deus nas nossas orações. Ele há-de estar ao nosso lado, para nos atender e tornar realidade o nosso projecto³⁸.

Pela imprensa de Luanda, podemos seguir tal acolhimento. O *Diário de Luanda*, de 31 de agosto de 1974, escreveu que um ambiente festivo acompanhou a chegada de Simão Toco, que ao descer do barco tinha sido, literalmente, envolvido pela multidão que o recebeu com cânticos

³⁴ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 04.06.1974, fl. 25.

³⁵ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 14.06.1974, fl. 26.

³⁶ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 160, *Relatório de Situação n.º 639*, 18.07.1974, fl. 13.

³⁷ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 160, *Relatório de Situação n.º 642*, 08.08.1974, fl. 16.

³⁸ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

religiosos, bendizendo à Deus pelo regresso. Era a vitória da justiça, diziam. Cantavam em português, num coro cheio de harmonia, que todos os fiéis presentes acompanhavam. Para os tocoístas, era o mensageiro que voltava para dizer numa linguagem que só ele sabia exprimir, que um dia Jesus Cristo ensinou aos homens. O carismático líder religioso teve, naquela manhã, milhares de pessoas à sua volta. As estimativas fazem referência de cerca de vinte mil pessoas que foram ao Porto de Luanda receber o líder religioso³⁹.

O percurso que Simão Toco fez na “Avenida Paulo Dias de Novais” de Luanda revelou a sua popularidade e enquanto muitos voltavam a tomar os autocarros, Simão Toco quis ir a pé com os outros. Formou-se então um grandioso cortejo, seguido de muitos carros e motorizadas, pelas ruas da cidade, interrompendo o trânsito em muitas zonas. Da multidão que avançava, começaram a exhibir-se a dada altura fotografias de Simão Toco. Na rua do Buco-Zau, entre os blocos habitacionais do antigo bairro de S. Paulo, o ambiente era de festa, com as ruas decoradas com arcos forrados de papel branco e verde. Principiou, imediatamente, uma cerimónia religiosa, tendo, no final Simão Toco feito algumas interpretações da Bíblia, fazendo apelos à paz entre os homens⁴⁰.

Na opinião pública local, mais precisamente na imprensa angolana (pró-colonial ou em transição), circulou a informação de que era o regresso de um homem da paz e o seu retorno fez-lhe aumentar o prestígio religioso, conferindo-lhe também outra dimensão política diante dos líderes dos movimentos emancipalistas que chegou ainda mais aureolado com o dever cristão para com o seu semelhante, não apenas no dever de dignificá-lo na sua condição humana, mas também fazer que se lhe respeitasse a cor da pele que Deus lhe tinha dado. Desse modo, não apenas a maioria dos angolanos natos, como o homem com fé angolana por adoção, poderia e deveria colaborar na construção de uma Angola próspera, onde uma sociedade organizada deveria ser constituída por homens e mulheres amantes da justiça cristã, defensores da liberdade do pensamento caritativo para com os necessitados de amparo na vida⁴¹.

O próprio líder religioso caracterizou o seu regresso como o alcance de uma grande vitória e sentiu-se muito feliz ao pisar o solo pátrio e demonstrou-o percorrendo algumas artérias da cidade de Luanda a pé. Numa entrevista, declarou:

[...] os que me diziam que me iam matar, em vez de me darem tiros, acenavam para mim, das janelas, da rua, por onde eu passava, com amizade. Era preciso fazer o que fiz para provar às pessoas que me tinham avisado que nem tudo está perdido em Angola. É preciso provar que pode haver harmonia, que pode haver paz⁴²,

³⁹ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 31.08.1974, fl. 18.

⁴⁰ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 31.08.1974, fl. 25.

⁴¹ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *A Província de Angola*, 01.09.1974, fls. 17-18.

⁴² Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 02.09.1974, fl. 20.

Referindo-se, certamente, ao conflito independentista que opunha Portugal de um lado e os movimentos de libertação por outro lado.

E soube-se também que o líder religioso Simão Gonçalves Toco, logo no dia do seu regresso (31 de agosto de 1974) a Luanda, foi recebido, em audiência, pelo Almirante Rosa Coutinho, Presidente da Junta Governativa de Angola. Esteve acompanhado de colaboradores próximos e também de membros do Partido Cristão Democrático de Angola, entre os quais, o Secretário-geral daquele partido, Dr. António Joaquim Ferronha, que na ocasião referiu-se na necessidade de serem restituídos aos tocoístas os seus bens de cultos que tinham sido confiscados pelo regime deposto em 25 de abril⁴³.

Na semana de 7 à 14 de setembro de 1974, Simão Toco participou como convidado na sede do PCDA, em Luanda, no colóquio de divulgação do ideário, tendo dirigido uma mensagem de fraternidade cristã a todos os presentes⁴⁴.

Uma vez em Angola, Simão Toco, embora desde cedo negasse conhecer os líderes dos movimentos de libertação, na sua condição de líder religioso do movimento tocoísta que gozava de muito prestígio junto das massas angolanas nativas, aproveitou-se da melhor forma daquela posição para uma vez mais fazer viver o sonho do alcance de independência através de uma plataforma. Tal agenda, uma plataforma de entendimento, voltaria a ser visível logo após a chegada das Delegações Oficiais dos movimentos emancipalistas a Luanda. O chefe religioso tomou a iniciativa de deslocar-se às respectivas sedes com o objetivo principal de, em seu nome e em nome dos seus correligionários, apresentar cumprimentos de boas-vindas e oferecer a sua colaboração para a causa independentista⁴⁵.

Na visita às sedes das delegações dos movimentos de libertação da FNLA e da UNITA, as fontes não são muito incisivas sobre o assunto, mas consta que foi dispensado a Simão Toco e à sua comitiva o melhor acolhimento, ao passo que na sede do MPLA, no Bairro Rangel, os visitantes foram recebidos de maneira menos cordial e muito fria pelos militantes daquele movimento. O presidente do “movimento emancipalista” MPLA, Agostinho Neto, a partir de Brazzaville, dirigirá uma mensagem ao “líder religioso da seita tocoísta”. A mensagem rezava o seguinte:

Caro compatriota: muito embora não te tenha encontrado desde os tempos do liceu, não deixei por isso de conhecer a tua actividade nacionalista e o teu sacrificio em prol da nossa Pátria. É hoje para mim motivo de grande regozijo saber-te de novo em Angola. Neste momento crucial da nossa existência nacional, em que se jogam os destinos do nosso País, espero que a tua lucidez patriótica continue a dirigir muitos dos nossos compatriotas para os

⁴³ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI: *Diário de Luanda*, 02.09.1974, fl. 20.

⁴⁴ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 161, *Relatório de Situação n.º 648*, 19.09.1974, fl. 17.

⁴⁵ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI; *Diário de Luanda*, 19.12.1974, fls. 4-5.

caminhos da Liberdade, Independência e Progresso, que nós também perseguimos⁴⁶.

Mas a atitude diferenciada de tratamento levou o líder a fazer um pronunciamento em gesto de balanço das atividades desenvolvidas junto das três sedes dos movimentos de libertação:

[...] creio que a nossa independência não vai ser conseguida sem correr ainda muito sangue. Todavia, se os irmãos negros que se dizem defensores dos povos, mas que, afinal, não passam de assassinos que pensam que é necessário haver mais sangue para se conseguir a paz, afirmo, que eu e os meus irmãos não iremos pegar em armas para consegui-lo⁴⁷.

Para a proclamação da independência e da paz, na prática, a ação libertadora de Simão Toco e do Tocoísmo consistiu na reversão da ordem colonial e da estrutura social opressora instaurada pelo colonialismo português e procurou criar uma plataforma de entendimento entre os três líderes dos movimentos de libertação (BATSİKAMA, 2018, p. 158). São vários os pronunciamentos do líder religioso feitos neste sentido, tais como: “não me pouparei a esforços para conseguir que a paz volte a todos os irmãos angolanos”.

No ideário de Simão Toco na defesa da independência de África e em particular de Angola, deixou a entender que queria contar com os líderes dos três movimentos de libertação:

[...] temos de lutar, não com armas. A nossa luta não é de armas. A nossa luta é com a mensagem de Deus. Vamos ensinar a sua mensagem. Uns terão de ir ao encontro dos outros. Vemos nos dias de hoje brancos a matar pretos e pretos a matar brancos. Ora, Deus não quer isso. Temos de lhes falar abertamente, convencê-los de que deve haver paz, que deve haver harmonia e fraternidade cristã⁴⁸.

Apesar do distanciamento das políticas traçadas pelos movimentos de libertação, Angola constava da agenda de paz de Simão Toco. Aquele líder procurou participar no projeto independentista de Angola e foi neste sentido que teve uma curta estadia em Lisboa, como se pode verificar no trecho a seguir:

[...], esteve em Lisboa, de 27 a 30 de Setembro de 1974, como participante da Reunião Magna presidida pelo então Presidente da República, o senhor General António Spínola, o líder religioso Simão Toco regressou imediatamente a Luanda e, entre Outubro e Dezembro de 1974, o pacificador Simão Toco estabeleceu uma plataforma de diálogo entre os três líderes dos movimentos guerrilheiros (KISELA, 2004, p. 220).

Sobre esta reunião, existem dados nos Relatórios de Situação número 652 do SCCIA de 17 de outubro de 1974 (p. 2 e 14-20), a propósito do convite feito pelo general Spínola a entidades angolanas, na grande maioria relacionadas com movimentos ou associações cívicas, surgiu um panfleto com o timbre “Comité Vitória ou Morte”, do MPLA, com o seguinte teor:

⁴⁶ Cf. Periódico *Província de Angola*, 19-10-1974.

⁴⁷ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CL: *Diário de Luanda*, 19.12.1974, fls. 4-5.

⁴⁸ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CL: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

Camaradas:

Quem são os fantoches colonialistas, capitalistas e traidores do Povo Angolano que foram chamados a Lisboa pelo General Spínola? Alguns deles são já nossos muito bem conhecidos como reaccionários-racistas e separatistas, inimigos do povo e da pátria angolana ...]. Quem são eles então? O reaccionário e abastado colonialista Dr. Ferronha, do separatista PCDA, o Colaboracionista Simão Toco, agora feito político à pressa, revelando um lamentável oportunismo; o chantagista Ruy Correia de Freitas, do jornal A Província de Angola, panfleto que dá diário e criminoso acolhimento a todas as manifestações dos grupelhos políticos da reacção; o capitalista e industrial Henriques Miranda da 'Confiança' e 'Mundial' de Angola, empresa colonialista de Seguros; o traidor e o farsante Angelino Alberto, da UNA; suposto engenheiro, suposto líder e suposto angolano; o ex-PIDE João Pedro M'bala, denunciante e traidor de patriotas angolanos; o astucioso comerciante Dr. Fernandes Vieira, hesitante político e habilidoso colonialista; o separatista e flekista André Mingas, traidor dos sagrados direitos do Povo Angolano; o fascista e colonialista João Fernandes, do reaccionário Notícia; o Dr. Mário António, poeta angolano vendido aos interesses colonial-imperialistas; o Teófilo José da Costa, mais conhecido por Cu de Palha, bufo confesso e comprovado, agora em makas com o seu compadre e também bufo desmascarado Dias da Silva, ambos paridos pela imunda Tribuna dos Muceques; o colonialista Eng. Orlando Ferreira, outro oportunista de geração espontânea; o criminoso e explorador racista José Ferreira Lima, ladrão de terras de Carmona, cuja fortuna foi construída à custa do suor do trabalhador angolano; os MOPUAS Dr. Pinto da Cruz e Dr. Campos de Oliveira, neocolonialistas e racistas de Nova Lisboa; o Fernando Lisboa Fernandes do Lobito, outro reaccionário capitalista e oportunista; o Aguinaldo Barata e o seu compincha Eduardo Centeno, de Benguela, este último representante da cidade das Acácias do fantoche PCDA; [...] ⁴⁹.

Quanto ao problema da independência de Angola e a forma como Simão Toco envolveu-se, entendemos que o líder religioso tinha um projeto e que o mesmo passava por educar as pessoas a fazerem o bem e evitarem o mal. Essa percepção faz-nos recordar a primeira organização que ele fundou, que tinha este objetivo. Mesmo com esta definição no processo de luta de libertação, em nenhum momento se pode notar a diminuição do seu patriotismo.

O seu projeto contemplava a construção de escolas, hospitais e outros estabelecimentos de ordem social, e, para tal, ele iria trabalhar para que os três presidentes dos movimentos de libertação e representantes do nacionalismo político revolucionário que na altura contavam com maior representatividade a nível nacional (FNLA, MPLA e UNITA) se unissem diante do único objectivo que defendiam, o alcance da independência. Neste programa de independência pela via da religião, concluímos que em primeiro lugar era a sua vocação e em segundo lugar nunca quis o derramamento de sangue dos irmãos angolanos. Essa ruptura poderia ser feita sim, mas desde que se evitasse o caminho da violência que se seguiu após o ano de 1975 (BATSİKAMA, 2018, p. 159).

Fazendo uma leitura do ambiente que se vivia em Angola e uma vez que as posições dos líderes dos três movimentos mais influentes na arena política daquela altura eram completamente antagônicas e que estas diferenças eram visíveis na esfera nacional e internacional, aquele líder religioso manteve contatos com Holden Roberto, Agostinho Neto e Jonas Savimbi e persuadiu-os

⁴⁹ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 161, *Relatório de Situação n.º 652*, 17.10.1974, fls. 11-12.

para que se sentassem à mesa de conversações e deixassem de fora todas as divergências e ambições pessoais que os obrigava a guerrear entre si. Foi assim que em 1974, depois de consumado o regresso de Simão Toco, e fruto dos constantes apelos à unidade e à reconciliação entre as pessoas dos vários quadrantes e identidades políticas e religiosas, chegou-se a quebrar o distanciamento que se viveu durante 1961 com Holden Roberto e com a FNLA. Seguindo o documentário *O Senhor da Paz*, de Francisco Montanha Rebello, em 1974-1975, é possível situar historicamente o líder religioso naquele período. Entre os dias 22 a 24 de novembro de 1974, Simão Toco e alguns membros da sua igreja deslocaram-se a Kinshasa a convite de Holden Roberto, que coordenou uma reunião de entendimento com Jonas Savimbi, Presidente da UNITA.

Segundo a fonte, Holden Roberto propôs que Jonas Savimbi:

[...] cessasse toda e qualquer tipo de hostilidades para com a FNLA e convidou-o a ir a Kinshasa, no seu Quartel-general para se encontrarem e firmarem um acordo de paz duradouro entre ambos. Savimbi aceitou o convite e a proposta de paz apresentada por Holden Roberto e acordaram também, que pelo seu peso político, deveriam ter na sua presença o líder religioso Simão Gonçalves Toco na cerimónia de reconciliação, tendo convidado o fundador e guia espiritual da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, para o ato solene. Simão Toco aceitou, pois, desejando que qualquer um daqueles senhores da guerra, tomassem consciência de que deviam trabalhar para a paz e o progresso do povo de Angola [...]⁵⁰.

O encontro entre Holden Roberto e Jonas Savimbi daquele ano ficou muito bem documentado por autores como Maciel (1963); Pimenta (2008); Wheeler e Pélissier (2009), mas nenhum destes autores refere à participação de Simão Toco no encontro que selou a “paz” entre aqueles dois líderes políticos.

Mesmo tendo participado da reunião que deveria selar a reconciliação entre Holden Roberto e Jonas Savimbi, o homem religioso havia dispensado uma atenção especial para o líder da UNITA:

Simão Toco deslocou-se a casa do Dr. Jonas Savimbi, que esteve instalado numa casa cedida pelo Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko Nkuku Ngbendu wa Za Banga, Presidente desde 1965, situada no Condomínio Presidencial, La Cité Internationale [...] naquela visita apareceu mais tarde outra figura nacionalista angolana, Daniel Chipenda, membro dissidente do MPLA, que veio expressamente para cumprimentar e prestar a sua homenagem a Simão Toco⁵¹.

Seguindo ainda a mesma fonte, no intento de promover a reconciliação nacional e definir o seu papel no quadro nacionalista angolano, o líder religioso efetuou outra viagem ao Luena-Moxico, entre os dias 8 a 10 de março de 1975, para encontrar-se novamente com Jonas Savimbi a fim de lhe transmitir a mensagem da necessidade de união em torno da causa angolana.

⁵⁰ Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo – Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA> (acesso em 21.11.2017).

⁵¹ Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (visto em 21.11.2017).

Toco:

[...] foi acompanhado de Muanga Pedro, Francisco Montanha Rebello e outros membros do Tocoísmo, disse ter conhecido Savimbi e como tal poderia reforçar a sua pressão junto do Presidente da UNITA. A intenção de Simão Toco era uma vez mais, levar o Presidente da UNITA a pensar mais na paz que na guerra, desejar mais o progresso do povo angolano e não no poder sobre esse mesmo povo; procurar acertar políticas de cooperação com os outros movimentos de libertação, em vez de procurar os enfrentar e combater⁵².

No trabalho em prol da aproximação, reconciliação e entendimento político entre os três homens fortes dos movimentos de libertação, estes foram reconhecidos como os únicos interlocutores para a transição pós-colonial. Sabe-se da boa relação que manteve com Agostinho Neto⁵³ Presidente do MPLA, com quem se encontrara entre o ato de Kinshasa e a reunião do Luena. Francisco Rebello interpretou esta agenda de Toco, como o cumprimento da sua missão de pacificador junto dos três vértices de poder em Angola⁵⁴.

Outro episódio marcante no ano de 1975, e que ilustra bem a aproximação entre Simão Toco e Agostinho Neto, aconteceu quando a sua casa foi assaltada e lhe roubaram inclusive viaturas que lhe tinham sido ofertadas por Holden Roberto, tendo o líder religioso se queixado ao Governo e acusado os militantes do MPLA pelo sucedido. Reagindo à triste situação, o Presidente do MPLA, naquela ocasião, demonstrou o seu apoio através de uma carta (19.07.1975), em papel timbrado do Movimento Popular de Libertação de Angola, dirigida ao Venerável Simão Gonçalves Toco, Representante da Igreja de Cristo no Mundo. Eis o teor da mesma:

[...] soube com grande constrangimento do roubo de suas viaturas e a prática de outros danos morais, por supostos membros da nossa Organização [...] e a única reparação possível aos criminosos, que será a sua perseguição criminal. Espero que os antigos laços de amizade que sempre nos uniram consigam apagar os acontecimentos graves que tiveram lugar⁵⁵.

Entretanto, a 5 de janeiro de 1975, no Quénia e sob a mediação do Presidente Jomo Kenyatta, os três Movimentos de Libertação de Angola chegaram a uma “plataforma de entendimento” na Cimeira de Mombaça. Em seguida, os mais altos dirigentes da FNLA, do MPLA e da UNITA chegaram a Portugal para negociar a independência do país, e, entre 10 a 15 de janeiro de 1975, assinaram com o Governo Português o *Acordo de Alvor*, que previa a criação de um Governo de Transição, a formação de um exército único e a convocação de eleições gerais antes da

⁵² Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo, Part 02, in <https://www.youtube.com/watch?v=bfjH6rHy5WQ>, (acesso em 20.11.2017).

⁵³ Seu amigo de sempre, desde os tempos do Liceu.

⁵⁴ Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo – Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (acesso em 21.11.2017).

⁵⁵ Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (acesso em 21.11.2017).

independência de Angola, marcada para 11 de novembro de 1975 (CORREIA, 1991, p. 125; MBAH, 2010, p. 293-96). Poucos meses depois, o líder religioso desdobrou-se em esforços constantes para que aquela base de entendimento se mantivesse firme e trabalhou para que aqueles acordos fossem cumpridos na íntegra. Neste quadro integrou-se a visita a Savimbi, em março de 1975. Embora não seja tão conhecida a ação de Toco nesta fase do processo angolano, a influência do líder religioso junto da liderança dos três movimentos no primeiro semestre de transição sugere que terá contribuído de forma indireta para a aproximação vivida.

Chamado a definir o seu papel na luta de libertação contra o jugo colonial, Simão Toco dizia que a sua missão, a sua luta, era de resto a de procurar conseguir que todos se compreendessem e que todos se unissem, uma vez que o povo se encontrava dividido devido às divergências políticas e outras. Por isso, trabalhar e atrair todos para a mesma ideia era um dos seus objetivos, apesar de reconhecer que reunir todos os líderes e seus movimentos correspondentes no mesmo ideal pacifista seria um trabalho muito difícil, mas era necessário dizer a essas pessoas que todos eram irmãos, pois que, no seu entender, muitos ainda não tinham ouvido a voz de Deus que mandava depor as armas⁵⁶.

Mas todos os esforços para uma transição pacífica fracassaram. Em 27 de julho do ano da sua assinatura, Portugal deu por suspenso o *Alvor*. Antes disso e antevendo um fracasso do Governo de Transição, Simão Toco, a 25 de julho de 1975, na celebração de mais uma data comemorativa da fundação da Igreja (Bairro Popular, Rua do Boco Zau, Bloco n.º 06) e na presença de cerca de cinquenta mil fiéis, declarou que alguns eram loucos e que se comportavam como crianças, por isso, os tocoístas mostrar-lhes-iam a verdade, pois, só a verdade os libertaria⁵⁷.

O pacifismo defendido por alguns movimentos políticos e mais tarde seguido por Simão Toco não venceu em Angola, fruto das grandes divergências de orientação e de projetos de governação que muitos dos líderes pretendiam implementar depois que se proclamasse a independência na província Ultramarina. As diferentes formas de orientação política ficaram bem patentes na história recente de Angola, mais precisamente depois de 1975, ano em que se proclamou o fim da luta de libertação contra o jugo colonial e deu-se início a uma longa guerra civil que opôs principalmente o MPLA, na altura liderado por Agostinho Neto, e a UNITA de Jonas Savimbi.

⁵⁶ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CII.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

⁵⁷ Cf. O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 03, in <https://www.youtube.com/watch?v=C8n-iJwGoaw>, (acesso em 21.11.2017).

Considerações Finais

Este artigo revelou-nos outras facetas e figuras que fora do ângulo dos movimentos emancipalistas de cariz político revolucionário, desenvolveram ou participaram da luta contra o colonialismo português e foi com base nesta leitura que Lúcio Lara observou: “o nome de Simão Toco está inscrito entre os iniciadores do nacionalismo moderno como mobilizador da juventude dos anos cinquenta, sobretudo da juventude zombo, que teve um interessante papel cultural através de coros e outras acções políticas” (LARA, 2008, p. 11).

Na luta contra a dominação colonial portuguesa em Angola, entre os anos 1961-1963, Simão Toco adotou uma postura conciliadora e nunca por uma ruptura direta com o poder colonial. Por isso, o líder tocoísta pautou por uma solução pacifista, tornando-se num homem obediente perante as autoridades. Toco conseguiu transmitir esta mensagem aos seus membros, embora essa postura não fora seguida na íntegra por todos. Estas características separam-no do nacionalismo revolucionário, mas aproximam-no de um nacionalismo liberal, pacifista procurando o alcance da independência de forma negociada. Posicionou-se contra a via da violência com recurso a mão armada adotada pelos três principais movimentos de libertação.

No período de 1963-1973, enquanto Simão Toco esteve no exílio intra-imperial, manteve a sua retórica de afastamento com as linhas do nacionalismo revolucionário. Mas a partir de 1974, ano do seu regresso em Angola, aproximou-se dos três grandes movimentos, empenhando-se na unificação dos mesmos e na constituição de uma frente comum de superação do colonialismo de uma forma pacífica conducente à independência na base de um acordo entre os três movimentos e as outras forças políticas emergentes. Simão Toco, mesmo que o possamos estudar e compreender como se estivesse ao lado dos movimentos emancipalistas, no tocante ao fim do colonialismo em Angola, concluímos que o fez tendo um ponto de vista completamente diferente, idealizou a criação de uma frente comum e posterior formação de um Governo de Unidade Nacional, mas nunca uma frente que rompesse de forma violenta contra as autoridades coloniais. No seu projeto, arquitetou o trabalho entre os novos líderes angolanos, aqueles que aspiravam ao poder, com os “antigos” membros do governo colonial, para deles aprenderem a forma de administração⁵⁸.

Foi com base neste propósito que Simão Toco trabalhou arduamente para conseguir consenso junto dos três líderes dos movimentos mais representativos que em Angola lutavam contra a presença colonial. Foram várias reuniões, encontros e mensagens passadas neste sentido para que aquelas entidades emancipalistas se juntassem e optassem pelo alcance da independência sem

⁵⁸ Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 3*, 26.01.1962, fl. 32.

derramamento de sangue e que a mesma fosse proclamada numa base de um amplo acordo, que pudesse satisfazer os ideais de cada líder e seu movimento.

Para Simão Toco, a sua missão, a sua luta, era trabalhar e atrair todos para a mesma ideia, apesar de reconhecer que seria um trabalho muito difícil⁵⁹. Toco acreditava na possibilidade de uma transição pacífica, envolvendo todos os atores políticos, os revolucionários e os outros. Por isso ele fez parte do grupo de representantes de forças políticas e sociais que foram recebidos por Spínola em setembro de 1974.

Finalmente, podemos dizer que os tocoístas participaram de uma forma passiva na luta anti-colonial. Eles estavam esperançosos na redenção final do homem africano (angolano), por isso, preocuparam-se em compreender e dominar o poder que estava nas mãos dos “brancos”: económico, administrativo e técnico. A partir das fontes compreendemos que nunca foi aspiração de Simão Gonçalves Toco, ascender à presidência de Angola e muito menos fazer parte de qualquer governo que viesse a nascer no pós-independência.

Fontes

I. Arquivo Histórico Diplomático

AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029;
AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357;

II. Arquivo Nacional Torre do Tombo (PIDE/DGS e SCCIA)

ANTT/SCCIA, Livros n.ºs 109, 123, 129, 160 e 161
ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218
ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215
ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201
ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462
PIDE/DGS, Delegação de Angola, SCCIA, NT 262
PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 NT 2111;

III. Periódicos

O Diário de Luanda, 24-05-1974

IV. Outras Fontes

Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, *in* <https://www.youtube.com/watch?v=wKzYkSzLVpw>, (visto em 13.07.2017).

⁵⁹ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CII.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

- Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo – Part 01, *in* <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA> (acesso em 21.11.2017).
Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo, Part 02, *in* <https://www.youtube.com/watch?v=bfjH6rHy5WQ>, (acesso em 20.11.2017).
Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 03, *in* <https://www.youtube.com/watch?v=C8n-iJwGoaw>, (acesso em 21.11.2017.)

Referências

- ANDRADE, Mário Pinto de, **Le nationalisme angolais**. Présence Africaine, pp. 5-24. Janeiro de 1962.
- ANDRADE, Mário Pintode, **Origens do Nacionalismo Africano Continuidade e Ruptura nos Novimentos Unitários Emergentes da Luta Contra a Dominação Colonial Portuguesa (1911-1961)**. Lisboa : Dom Quixote, 1997.
- ANDRADE, Mário Pinto de, & OLLIVIER, Marc. **La guerre en Angola**. Paris: Maspero. 1971.
- BALANDIER, Georges, **Sociologie actuelle de l’Afrique Noire**. Paris: Quadrige PUF. 1995.
- BATSIKAMA, Patricio, **Tokoísmo – Teologia da Libertação**. 1ª Ed. - Luanda: Mayamba Editora. 2018.
- BLANES, Ruy Llera, O Líder é o Profeta, o Profeta é o Líder. Continuidades e Descontinuidades da Liderança Carismática no Contexto Angolano. **R. AntHropológicAs**, v. 18, n. 25, p. 107-127. 2014.
- CLINGTON, Mário de Sousa. **Angola Libre?** Paris: Gallimard. 1975.
- CORREIA, Pedro Pezarat, **Descolonização de Angola – A Joia da Coroa do Império Português**. Luanda: Editorial Ler&Escrever. 1991.
- CUNHA, Joaquim Moreira da Silva, **Aspectos dos Movimentos Associativos da África Negra (Vol. II)**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar. 1959.
- ESTERMANN, Carlos, O Tocoísmo como um Fenómeno Religioso. **G. d. Orta, Ed.**, v. XIII, n. 3, 1965.
- FREITAS, Amadeu José de. **O longo caminho da liberdade**. Lisboa: Morais Editores. 1975.
- GROMIKO, Andrei Andreyevich, at al. **As Religiões da África: Tradicionais e Sincréticas**. Moscovo: Edições Progresso, 1987.
- HENDERSON, Lawrence. **A Igreja em Angola**. 1ª Ed. - Lisboa: Editorial Além-Mar. 1990.
- HERRICK, Allison Butler. **Area Handbook for Angola**. Washingyon: US Government Printing Office. 1976.
- JADIN, Luis. **“Les sectes secrètes au Congo (1703-1709)”**. **C. d. Africaines**, v, 2, n. 3, p. 110-119. 1968.

KISELA, Joaquim Albino. **Simão Toco: A Trajectória de um Homem de Paz**. Luanda: Editorial Nzila. 2004.

LARA, Lúcio Rodrigo Leite Barreto de. **Um Amplo Movimento - Itinerário do MPLA Através de Documentos de Lúcio Lara, 1961-1962 (1ª Ed., Vol. II)**. Luanda: Edição do Autor. 2008.

MACIEL, Artur. **Angola heroica: 120 Dias Com os Nossos Soldados**. Os primeiros meses do conflito no Norte de Angola em 1961. Amadora: Livraria Bertrand, 1963

MANN, Michael. **A Political Theory of Nationalism and its Excesses**. Madrid: Instituto Juan March de Estudios e Investigaciones. 1994.

MARCUM, John. **The Angolan Revolution. The Anatomy of an Expansion (1950-1962) (Vol. I)**. Cambridge: MITPress. 1969.

MARCUM, Jonh. **The Angolan Revolution. The Anatomy of an Explosion (1950-1962) (Vol. II)**. Cambridge: MITPress. 1978.

MARGARIDO, Alfredo. **Portugais des provinces d'outre-mer d'Afrique**. Les Mois en Afrique, pp. 66-84. Déc. 1966.

MBAH, Jean Martial Arsène. **As Rivaldades Políticas entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)**. 1ª Ed. - Luanda: Mayamba. 2010.

OKUMA, Thomas. **Nationalism in Angola - Angola in Ferment; the background and prospects of Angolan nationalism**. Boston: Beacon Press. 1962.

PACHECO, Carlos. **MPLA: Um Nascimento Polémico (As Falsificações da História)**. Lisboa: Editora Veja. 1997.

PÉLISSIER, René. Nationalismes en Angola. **Revue Française de Science Politique**, v. 19, p. 54-79, 1969.

PÉLISSIER, René. **La Colonie du minotaure**. Nationalismes et révoltes en Angola (1926-1961). Orgeval: Éditions Péliissier. 1978.

PIMENTA, Fernando Tavares. **Angola. Os Brancos e a Independência**. Porto: Edições Afrontamento. 2008.

PINTO, José Filipe. **O Ultramar Secreto e Confidencial**. Coimbra: Editora Almedina. 2010.

ROCHA, Edmundo Vicente de Melo. **Angola. Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano (Período de 195 a 1964)**. 2ª Ed. - Lisboa: Dinalivro. 2009.

SANTOS, Eduardo dos. **Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1972.

WHEELER, Douglas. **Angola**. New York: Pall Mall Press. 1971.

WHEELER, Douglas, & PÉLISSIER, René. **História de Angola**. 1ª Ed. - Lisboa: Edições Tinta da China. 2009.

Recebido em: 19 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 20 de abril de 2023.